

Tecnologia e Violência na contemporaneidade: um olhar da Teoria Crítica da Sociedade

Technology and Violence in the contemporary world: a look based on Critical Theory of Society

Bruno Pucci¹

Universidade Metodista de Piracicaba, UNIMEP, Piracicaba-SP, Brasil

Resumo

Este ensaio se propõe analisar, em diálogo com fragmentos do livro *Dialética Negativa*, de Theodor Adorno, tensões e fenômenos contemporâneos relacionados à problemática da tecnologia e violência. E, para tal, se serve inicialmente do aforismo “O Sofrimento é Físico” e dos itens I e II das “Meditações sobre a Metafísica”, para refletir sobre duas realidades de extrema violência vigentes neste mundo, dito globalizado: as guerras e os refugiados; e, posteriormente, como base na conceituação de “queda da Metafísica” e de seu encontro com o marginalizado, com o reprimido, questionar os acontecimentos conservadores e autoritários presentes em nosso país nos dias de hoje: a mercantilização da educação superior; as parcerias público-privadas na educação escolar de ensino fundamental e médio; a proposta educacional do mega-empresário e novo prefeito de São Paulo. As reflexões finais do ensaio encaminham-se no sentido de as categorias *Bildung* (formação), autonomia, emancipação -- conceitos-chave da Teoria Crítica da Sociedade -- descenderem das alturas e observarem, com firmeza e empenho crítico, a dor e o sofrimento que assolam as vítimas das guerras e os que buscam refúgios em outras pátrias, bem como a realidade social e educativa dos mais pobres, das crianças e dos jovens de nosso país.

Palavras-chave: Guerras e refugiados. Mercantilização da educação superior. Parcerias público-privadas. Dialética Negativa.

Abstract

This essay proposes to analyze, in dialogue with fragments of the book *Negative Dialectics*, by Theodor Adorno, contemporary tensions and phenomena related to the problematic of technology and violence. In this respect, we initially use the aphorism “Suffering Physical” and items I and II of “Meditations on Metaphysics” to reflect on two realities of extreme violence in this globalized world: wars and refugees; and, later, based on the conception of the “fall of Metaphysics” and its encounter with the marginalized and the repressed, we intend to question the conservative and authoritarian events present in our country today: the commodification of higher education; public-private partnerships in primary and secondary school education; the educational proposal of the mega-entrepreneur and new mayor of São Paulo. The final reflections of the essay are that the categories *Bildung* (formation), autonomy, emancipation - key concepts of the Critical Theory of Society - come down from the heights and observe,

¹ Doutor em Educação, Professor Titular do PPGE/UNIMEP, Professor Titular Aposentado da UFSCar, Bolsista Sênior do CNPq, Líder do Grupo de Pesquisa Teoria Crítica e Educação – UNIMEP. E-mail: puccibru@gmail.com
Agência de fomento: CNPq.

with firmness and critical commitment, the pain and the suffering that devastate the victims of wars and those who seek refuge in other countries, as well as the social and educational reality of the poor ones, the children and young people of our country.

Keywords: Wars and refugees. Commodification of higher education. Public-Private partnerships. Negative Dialectics.

* * * * *

O ano de 2016 foi histórico para o Grupo de Pesquisa Teoria Crítica e Educação por três motivos específicos: pelo 25º. aniversário do Grupo de Pesquisa, criado na UFSCar², no segundo semestre de 1991; por realizar o X Congresso Internacional de Teoria Crítica, na UFSCar, em outubro de 2016; e pela comemoração dos 50 Anos da *Dialética Negativa* de Theodor Adorno, publicado em 1966.

E são as contribuições filosóficas deste livro que vão orientar este ensaio a refletir sobre o tema “Tecnologia e Violência na contemporaneidade”. Vou me fundamentar em três momentos/fragmentos da *Dialética Negativa*, para dialogar com a referida problemática, que se manifesta em uma série de tensões e de fenômenos que enfrentamos e que nos desafiam.

O primeiro aforismo a que me dirijo, “O sofrimento é físico”, localiza-se na Parte II do livro, em que Adorno apresenta o conceito e as categorias da dialética negativa. Nele lê-se que a dor e a negatividade são o motor do pensamento dialético; e que na “estranha teoria de David Hume”, em que as representações (*ideas*) são “pálidos reflexos das impressões”, nela “vibra uma última vez o momento somático em meio à teoria do conhecimento, até ele ser completamente expulso” (2009, p. 173). O filósofo já havia denunciado, em outros escritos, o como a filosofia, a teoria do conhecimento, em sua longa história, tinha se esquecido e/ou não se preocupado com a dor, com o sofrimento do homem no mundo. E critica, no aforismo, a teoria da identidade de Hegel, pois esta, expressa como “ciência da experiência da consciência”, na realidade desvia a consciência da experiência histórica, em que vige a dor. Ressalta Adorno a cobrança que o corpo humano faz à razão na perspectiva de superar a dor; e caracteriza o teórico crítico como aquele que se empenha radicalmente na transformação da sociedade, geradora da opressão, da dominação, do sofrimento: “O momento corporal anuncia ao conhecimento que o sofrimento não deve ser, que ele deve mudar. ‘A dor diz: pereça’. Por isso, o especificamente materialista converge com aquilo que é crítico, com a práxis social transformadora” (idem, p. 173).

O momento histórico de Adorno vivia as lutas e as ameaças entre ideologias opostas, em pleno estado da Guerra Fria, na criação de arsenais atômicos e de tecnologias bélicas avançadas. Dois projetos distintos se organizavam no sentido da destruição, do aumento da dor, e não de sua diminuição, -- que teriam condições de fazê-lo, pois o desenvolvimento das forças produtivas de então lhes davam essa oportunidade. E o frankfurtiano afirma que a possibilidade de uma tal organização para um mundo com menos dor “teria o seu *telos* na negação do sofrimento físico do último de seus membros e nas formas de reflexão intrínsecas a esse sofrimento”. Tal organização “é o interesse de todos e não é paulatinamente realizável senão por uma solidariedade transparente para ela mesma e para todo vivente” (idem, p. 174). As reflexões de

² Universidade Federal de São Carlos.

Adorno neste aforismo da *Dialética Negativa* depõem contra a imagem que criaram dele como um filósofo indiferente ao que acontecia na conjuntura política e social de seu tempo.

O segundo tópico da *Dialética Negativa* ao qual me dirijo se localiza em sua última parte do livro, nas “Meditações sobre a Metafísica” e trata de duas questões que se entrecruzam e se retroalimentam; a indiferença burguesa e o fracasso da cultura após Auschwitz. No item I, intitulado “Depois de Auschwitz”, Adorno destaca, com aguda radicalidade, algumas das consequências advindas dessa barbárie, que leva o homem atento da metade do século XX, e a nós também, a profundas reflexões existenciais: diz ele, entre outras enfáticas constatações:

. “Depois de Auschwitz, comete-se uma injustiça contra as vítimas com toda afirmação de positividade da existência”;

. “A faculdade metafísica é paralisada porque o que aconteceu destruiu para o pensamento metafísico especulativo a base de sua unificabilidade com a experiência”;

. “... é bem provável que tenha sido falso afirmar que depois de Auschwitz não é mais possível escrever nenhum poema. Todavia, não é falsa a afirmação menos cultural de saber se ainda é possível viver depois de Auschwitz” (ADORNO, 2009, p. 299-300).

Como judeu se sentia como que culpado por ter sido poupado, por continuar tendo direito à existência: “Sua sobrevivência (referia-se a ele mesmo - BP) necessita já daquela frieza que é o princípio fundamental da subjetividade burguesa e sem a qual Auschwitz não teria sido possível” (idem, p. 300).

No ensaio “Educação após Auschwitz”, de 1965, ele já tinha afirmado: “Se os homens não fossem (...) profundamente indiferentes ao que acontece com todos os demais (...) então Auschwitz não teria sido possível” (1986, p. 42).

As reflexões do judeu Adorno nos ferem profundamente fazendo-nos ver que os atos bárbaros, não só os que permeiam o nosso cotidiano de ódio, de conflitos, de preconceitos, mas até o holocausto, o genocídio, Auschwitz, foram/são possíveis por conta da frieza, da indiferença, do individualismo de um em relação ao outro. A indiferença: princípio fundamental da subjetividade burguesa! “Não só o ato agressivo em si gera barbárie; também o não se envolver, o não olhar de lado, o “não-estar-nem-aí” (PUCCI, 2014, p. 47). E Adorno termina o item I, “Depois de Auschwitz”, destacando a intervenção do pensamento crítico como práxis social:

Se a dialética negativa reclama a autorreflexão do pensamento, então isso implica manifestamente que o pensamento também precisa, para ser verdadeiro, hoje em todo caso, pensar contra si mesmo. Se ele não se mede pelo que há de mais exterior e que escapa ao conceito, então ele é de antemão marcado pela música de acompanhamento com a qual os SS adoravam encobrir os gritos de suas vítimas (ADORNO, 2009, p. 302).

Vinculada à questão da indiferença como princípio fundamental da subjetividade burguesa, no item II, “Metafísica e Cultura”, Adorno constata o fracasso da cultura burguesa. Diz ele: “No vivente, a camada somática e distante do sentido é palco do sofrimento que queimou sem qualquer consolo nos campos de concentração tudo o que o espírito possui de tranquilo, e, com ele, a sua objetivação, a cultura” (2009, p. 303). Na verdade, a cultura construída pelo homem através dos tempos tem sido

sempre permeada e consumida pela violência, pelas guerras de uma tribo contra a outra, pelo impulso de dominação e de posse de um povo sobre o outro. O fato de a catedral da cidade do México ter sido construída precisamente em cima do Templo Mayor do povo asteca, subjogado pelos cristãos provindos do Mediterrâneo, é apenas um dos múltiplos testemunhos clarividentes do fracasso da cultura humana.

Contudo, a cultura recriada pelo iluminismo na Inglaterra e na França, através do desenvolvimento da ciência, das técnicas, do progresso e, na Alemanha, através da *Aufklärung*, gerada pela filosofia, pela arte e pela música, nos séculos XVIII e XIX, parecia trazer novos ares de vida e de esperança para os homens da época. Mas não foi o que se constatou no século XX, o século dos genocídios de vários povos, das duas grandes guerras mundiais, o século das poderosas tecnologias da destruição, das tragédias de Hiroshima, Naghasaki e Tchernóbil. E Adorno destaca essa realidade no solo de sua pátria:

Auschwitz demonstrou de modo irrefutável o fracasso da cultura. O fato de ter podido acontecer no cerne de toda tradição da cultura, da arte e das ciências esclarecidas não quer dizer apenas que a tradição, o espírito, não conseguiu tocar os homens e transformá-los. Nessas secções mesmas, na exigência enfática por sua autarquia, reside a não-verdade. Toda cultura depois de Auschwitz, inclusive a sua crítica urgente, é lixo (2009, p. 304).

Após buscar em Adorno algumas ideias-chave extraídas de dois momentos específicos da *Dialética Negativa*, como pressupostos de análise e de encaminhamento em direção aos objetos de nossa investigação – Tecnologia e violência na contemporaneidade –, busco construir uma primeira aproximação dessa temática com base na seguinte premissa: o desenvolvimento acentuado das tecnologias neste início do século XXI tem proporcionado um aumento exacerbado da violência nas relações dos homens entre si e propiciado a indiferença de um indivíduo em relação ao sofrimento do outro; de um povo em relação ao destino do outro; e, ao mesmo tempo, até mesmo como decorrência, tem debilitado a memória dos momentos de dor e de opressão, a memória dos mortos. Esta premissa será tensionada com realidades específicas e complementares, marcantes em nosso momento histórico; inicialmente, averiguarei como se dão as relações sociais dominantes no mundo globalizado em que vivemos. E, para tal, vou me deter apenas em dois quadros de mega-violência que poderiam nos chocar e causar estarrecimento: as guerras e os refugiados:

- 1). Sob o título “Barômetros de conflitos”, o Instituto de Heidelberg de Pesquisa Internacional de Conflitos apresentou resultados assustadores dos choques mais violentos no mundo; os números de conflitos e guerras de 2011 foram os mais altos desde 1945. Os pesquisadores contaram 20 guerras e 166 conflitos desenvolvidos de forma violenta. E o instituto alemão projetava um acréscimo para o ano de 2012. Em 2011, o Oriente Médio e a África foram os principais celeiros de conflitos. Três novas guerras, relacionadas com a ‘primavera Árabe’, eclodiram no Iêmen, na Síria e na Líbia. Houve ainda um acirramento dos conflitos já existentes na Nigéria e no Sudão³

³ Cf. <http://noticias.gospelprime.com.br/numero-de-guerras-no-mundo-triplicou-em-2011/>. Acessado em 01/03/2012.

Recentemente, foi publicada uma pesquisa realizada pelo *Project for The Study*, organização especializada em diferentes áreas de atuação dedicada ao estudo de temas de relevância global, incluindo conflitos internacionais, revelando que o número de mortos em decorrência das guerras aumentou 28% em 2014, em relação a 2013. Só na Síria, país que ocupa a primeira posição entre as guerras, o número de mortos após cinco anos de guerra civil subiu para 210.060 pessoas. Entre os mortos, quase metade deles eram civis, mais de 10 mil crianças e 6,7 mil mulheres. A guerra do Iraque, que durava mais de uma década, já contabilizava as mortes de pelo menos 174 mil pessoas, desde a invasão do país pelas forças internacionais lideradas dos Estados Unidos.

Destaco a relação dos países que se encontravam em guerra, em 2015: Síria, Iraque, Afeganistão, Nigéria, Sudão do Sul, Paquistão, Ucrânia, Somália, República Centro-africana, Líbia, Israel-Palestina, Iêmen, República Democrática do Congo, Índia, Filipinas, Mali, Cáucaso do Norte, Tailândia e Argélia⁴.

2). Relacionada com a questão das guerras e conflitos é a situação dos refugiados. Apresento aqui duas informações retiradas de organismos internacionais que merecem credibilidade: a primeira da Anistia Internacional e a segunda da Unicef.

O relatório da Anistia Internacional documenta a situação precária nas quais vivem muitos dos milhões de refugiados no mundo. Todos os anos, milhares de migrantes e refugiados tentam chegar à Europa. Alguns são movidos pela necessidade de escapar da miséria; outros estão fugindo da violência e perseguição. Suas jornadas são cheias de perigos. Estima-se que pelo menos 23 mil pessoas tenham perdido suas vidas tentando chegar à Europa desde 2000. E aqueles que conseguiram atingir as fronteiras da União Europeia (UE) descobrem que a segurança permanece fora do seu alcance. A UE e seus Estados membros construíram uma fortaleza cada vez mais impenetrável para manter migrantes irregulares fora – independentemente de seus motivos, ou das medidas desesperadas que muitos estão dispostos a tomar para alcançar suas costas⁵.

Complementando os dados da Anistia Internacional, colhi outros significativos: Dos 1,5 milhão de refugiados que chegaram à UE no ano de 2015, mais de um milhão foi parar na Alemanha. Os países vizinhos da Síria receberam a maior parte dos quase 4,6 milhões de refugiados que escaparam da Síria. De acordo com os dados revelados pela Comissão Europeia e o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (Acnur), em 2015, chegaram à Turquia 1.9 milhão sírios nos últimos quatro anos. No Líbano chegaram 1,1 milhão, e na Jordânia, 629,6 mil⁶.

E como se manifesta a situação das crianças nesse processo desumano de migração forçada? “A Unicef - órgão das Nações Unidas para infância e juventude” - tornou público em setembro de 2016 um raio-X da situação das 48 milhões de crianças migrantes existentes atualmente no mundo. Destas, 11 milhões são refugiadas ou

⁴ Cf. Mundo em Guerra, no Blog: Portas Abertas: servindo cristãos perseguidos. Consulta: 05/10/2016. <https://www.portasabertas.org.br/noticias/2015/06/o-mundo-em-guerra>

⁵ Anistia Internacional. “O custo humano da fortaleza europeia”. Acesso em 05/10/2016. In: <https://anistia.org.br/direitos-humanos/publicacoes/violacoes-de-direitos-humanos-contra-imigrantes-e-refugiados-nas-fronteiras-da-europa/>

⁶ Cfr. “Os países que mais recebem refugiados sírios”. Consulta em 05/10/2016. http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/09/150910_vizinhos_refugiados_1k

estão pleiteando a concessão de refúgio num país estrangeiro. Entre 2005 e 2015, o número de crianças refugiadas no mundo mais que dobrou. O diagnóstico é mais preocupante ainda quando somado a outros 17 milhões de “deslocados internos”. Este termo se refere às mesmas categorias de classificação dos “refugiados”, com a diferença de que os “deslocados” se movem dentro do próprio país, sem cruzar fronteiras internacionais”⁷.

As guerras e o drama dos refugiados são apenas dois monumentos estarrecedores de barbárie, e, portanto, de muita dor, de sofrimento, de destruição, que acontecem predominantemente fora dos países mais desenvolvidos, mas que estão intimamente vinculados a eles no contexto do sistema capitalista globalizado e também por acontecimentos históricos de dominação, e que repercutem nos interiores de suas cidades com os sentimentos de insegurança, de tensão, de vigilância excessiva, de preconceito contra o migrante, de vida falsa e doentia.

* * * * *

O terceiro e último tópico da *Dialética Negativa* a que me volto, diz respeito à queda da metafísica e a seu encontro com o não-outro. As reflexões sobre a queda da metafísica, e sua passagem das categorias transcendentais para a imanência das necessidades vitais, também se encontram nas “Meditações sobre a Metafísica”, da *Dialética Negativa* (2009). Citarei algumas asserções de Adorno, esparsas no texto, que vão descrevendo esse processo de transformação histórica da metafísica:

. “O curso da história conduz ao materialismo aquilo que tradicionalmente foi o seu oposto, a metafísica” (2009, p. 303);

. “Os interesses metafísicos dos homens necessitariam de uma percepção não reduzida de seus interesses materiais. Enquanto esses interesses permanecem velados para eles, eles vivem sob o véu de Maia” (idem, p. 330);

. “Aquilo que se retrai torna-se cada vez menor, (...) cada vez menos aparente; esse é o fundo crítico-cognitivo tanto quanto histórico-filosófico do fato de a metafísica ter emigrado para a micrologia. A micrologia é o lugar da metafísica como refúgio diante daquilo que é total” (idem, p. 337);

. “Os menores traços intramundanos teriam relevância para o absoluto, pois a visão micrológica descobre aquilo que (...) permanece desesperadamente isolado, e explode a sua identidade (...). Um tal pensamento é solidário com a metafísica no instante de sua queda” (2009, 337).

A expressão “queda da metafísica” apresenta em si uma ambiguidade, que pode ser entendida no sentido de a metafísica tradicional, como todo ser vivo, ter seu momento de ocaso, de definhamento; como, sobretudo, no sentido de que a metafísica caiu das alturas das ideias transcendentais para se colocar, no chão da realidade, a serviço da liberação do não-outro, dos elementos reprimidos pelo conceito no processo de conhecimento. O duplo sentido do conceito, utilizado não só na literatura, mas também nos ensaios e aforismos, lhe dá mais vida e expressão. Vale ainda destacar que o não-idêntico, ao qual a metafísica negativa se dirige, é aquilo que o sistema

⁷ Censo da Unicef. “Qual a situação das crianças refugiadas e deslocadas no mundo”. Acesso: 05/10/2016 <https://www.nexojournal.com.br/expresso/2016/09/08/Qual-a-situa%C3%A7%C3%A3o-das-crian%C3%A7as-refugiadas-e-deslocadas-no-mundo>

e, por sua vez, o conceito, reprimem, desprezam, rejeitam. O não-idêntico não se expressa, pois, apenas no categorial, na desproporção entre aquilo que o conceito diz ser e o que, de fato, ele o é. O não-idêntico é, antes de tudo, o homem real, histórico, concreto que não comunga de nossa familiaridade, que não é um-dos-nossos, e em relação ao qual eu sou indiferente, um outro (Cf. PUCCI, 2014, p. 49-50).

A segunda realidade sociocultural com a qual quero estabelecer um diálogo entre esse terceiro tópico da Dialética Negativa, da micrologia como o lugar da metafísica, e a temática “tecnologia e violência na contemporaneidade, será visualizada nos acontecimentos conservadores e autoritários vigentes em nosso país nos dias de hoje”.

Como pesquisador vinculado filosoficamente à Teoria Crítica da Sociedade e como docente do ensino superior, vou me deter na apresentação de alguns empreendimentos da sociedade civil e de organizações políticas que apontam no sentido da transformação da educação superior em uma mercadoria e da escola de formação básica e média em uma organização, cada vez mais infiltrada pelo setor privado mercantil, a serviço da preparação da mão de obra para o mercado, entre eles: a mercantilização da educação superior; a atuação de organizações ou associações privadas em parcerias com a administração pública na educação escolar; e a proposta educacional do novo prefeito de São Paulo.

Valdemar Sguissardi (2014), em seu texto, inédito, “Estudo diagnóstico da política de expansão da (e acesso à) educação superior no Brasil 2002-2012”, nos traz informações e reflexões consistentes sobre a problemática da Mercantilização da Educação Superior brasileira. Destaco apenas dois eixos analíticos que o compõem⁸:

- A explosiva expansão das Instituições de Ensino Superior (IES) privadas com fins lucrativos. Com os estímulos dos Decretos 2.207/97 e 2.306/97, que regulamentaram o artigo 20 da LDB/96, dando pleno aval ao surgimento de IES privadas com fins lucrativos, a educação superior brasileira se transformou em um negócio altamente rentável e comercializável. Segundo Sguissardi, em 2012, cinco anos após os referidos decretos, mais de 1.000 IES já operavam formalmente com fins de lucro. Em 2013, cerca de 80% das IES privadas com fins lucrativos detinham cerca de 70% das matrículas da educação superior (SGUISSARDI, 2014, p. 125). Como consequência direta dessa realidade, observou-se o gradativo enfraquecimento e até o desaparecimento de IES privadas sem fins de lucros, como as comunitárias, as confessionais, as filantrópicas.
- O processo de compra de faculdades isoladas e/ou de fusão de empresas educacionais gerou a existência de grandes grupos educacionais; na pesquisa de 2014, Sguissardi fazia menção aos cinco maiores grupos: Estácio, Unip, Anhanguera, Kroton e Laureate. Além disso, destacava, em 2014, a fusão da Kroton com a Anhanguera Educacional, resultando para a nova Kroton, cerca de 1 milhão de alunos e uma receita de R\$ 4 bilhões. Em 2016, novos dados são divulgados pelo “Observatório do Ensino do Direito da Fundação Getúlio Vargas (FGV)”: Os oito maiores grupos

⁸ Em meu texto “Formação e qualificação profissional: desafios urgentes para a Filosofia da Educação”, apresentado no II Congresso da Sociedade Brasileira de Filosofia da Educação, SOFIE, em 2016, e no prelo, como capítulo de livro, destaco outros eixos analíticos de Sguissardi sobre a Mercantilização do Ensino Superior. Confira também o artigo de Sguissardi, Educação superior no Brasil. Democratização ou massificação mercantil?, publicado na Revista Educação & Sociedade (n. 133, 2015).

educacionais do País – Anhanguera, Anima, Estácio, Kroton, Ser, DeVry, Laureate Unip – concentram 27,8% das matrículas no Ensino Superior (em 2010 detinham 12,8%), com 2,1 milhões de alunos. E ainda: Kroton e Ser atualmente negociam fusão com a Estácio⁹.

O segundo empreendimento da sociedade civil contemporânea, que examino, são as Organizações ou associações privadas, em parceria com a administração pública, que atuam na educação escolar. Foi através de Luis Carlos de Freitas (junho/2016) e de Josianne Cerasoli (setembro 2016) que tive acesso a essa problemática.

Cerasoli¹⁰ (2016) nos faz ver que, além dos Planos e Sistemas de Educação (nacional, estaduais, municipais), há uma série de outros empreendimentos estatais preocupados com a educação escolar: E, ao lado desses empreendimentos estatais, há outros grupos da sociedade civil, de iniciativa privada, que se interessam, cada vez mais, pela educação escolar, e, através de parcerias público-provadas, criam formas de organizações e de intervenções na educação escolar pública: as Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIPs), as Fundações empresariais, as *Thinks tank* e outros.

Freitas (2016a) analisa a atuação de fundações ligadas às grandes empresas que interferem na educação pública do Estado de São Paulo e em outros estados de nosso país. “Veja que grandes empresas de consultoria são instaladas dentro do prédio da Secretaria de Educação”, diz o pesquisador, referindo-se ao Estado de São Paulo (p. 223). As fundações empresariais gratuitamente prestam à Secretaria de Educação consultorias na formulação do programa de educação em tempo integral do ensino médio e tem atuação em cerca de trezentas escolas.

A OSCIP está prevista no ordenamento jurídico brasileiro como forma de facilitar parcerias e convênios com todos os níveis de governo e órgãos públicos (federal, estadual e municipal) e permite que doações realizadas por empresas possam ser descontadas no imposto de renda; a OSCIP pode também ser financiada pelo Estado.

Há uma infinidade e variedade de organizações privadas e de fundações empresariais atuando na educação escolar de ensino fundamental e médio. Nomeio algumas delas: Instituto Millenium; Instituto Samuel Klein; Instituto Natura; Instituto Inspirare; Instituto Península; Instituto Airton Sena; Fundação Lemann; Todos pela Educação; Todos pela Base; Conspiração Mineira pela Educação; Aliança Brasileira pela Educação. Vou me deter na apresentação de apenas de duas delas:

- Aliança Brasileira pela Educação: criada em agosto de 2016, nas dependências da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. É uma organização vinculada à Kroton Educacional, que continua e busca aperfeiçoar o trabalho realizado, ao longo de 10 anos pela *Conspiração Mineira pela Educação*, em Minas Gerais, que desenvolveu uma metodologia avançada de gestão, o SGI (Sistema de Gestão Integrado), implantado em 1.098 escolas, envolvendo 2.975 educadores e 728.000 alunos.

⁹ Ver texto no Jornal O Estadão (09 de junho de 2016), “Só 8 grupos concentram 27,8% das matrículas do ensino superior”.

¹⁰ CERASOLI, Josianne F. Por que e para que aprender história? O debate sobre história na agenda das políticas públicas em educação. UNICAMP: Campinas, 2016, inédito.

O programa lançado pela Aliança Brasileira pela Educação se propõe a capacitar diretores das redes públicas no estado de São Paulo por meio de encontros mensais. Os primeiros encontros se deram no mês de setembro de 2016, em São Paulo, na Escola de Formação e Aperfeiçoamento de Professores. A iniciativa, segundo os organizadores, é um projeto voluntário, portanto, sem custos para a Secretaria de Educação, fruto do esforço colaborativo entre todos os segmentos da sociedade – Governo, empresas e fundações ou organismos da sociedade civil. A atuação da Aliança começa na capital paulista, na parceria feita com a Secretaria de Educação, e seguirá para os demais municípios e posteriormente para outros estados, de forma gradativa, de acordo com as localidades vistas como mais vulneráveis, levando em consideração o cenário econômico e social. Inicialmente, está prevista a atuação da fundação empresarial em 300 escolas, atingindo cerca de 300 mil alunos¹¹.

- Ensina Brasil: é uma OSCIP, vinculada à *Teach For All*, uma organização não governamental internacional e é sustentada com dinheiro que inclui financiamento de Fundações da Família Walton e de Bill Gates. No Brasil é financiada pela Fundação Lemann¹² e Itaú Social, entre outras, e está atuando no recrutamento e preparação de professores temporários, particularmente para o Ensino Médio, procedentes de quaisquer cursos superiores, para atuarem em escolas estaduais. Passam por cinco semanas de preparação, começam a lecionar e, no período de dois anos, são treinados em serviço para completarem sua “formação” na área da disciplina em que atuam. Ganham o salário inicial da carreira de professor. Pelo fato de serem formados em algum curso superior, seja ele qual for, são considerados pessoas de “notório saber” e podem se inscrever no Ensina Brasil como pretendente ao cargo de professor do ensino médio.

O Ensina Brasil diz ser uma organização 100% brasileira, independente e sem fins lucrativos; mas é parte da rede global do *Teach for All*, que trabalha para expandir oportunidades educacionais em 40 países ao redor do mundo, acelerando o impacto das organizações que formam a rede e compartilhando aprendizados e informações. Já apoiou a instrução de 60.000 professores, que atingiram cerca de 1.1 milhão de alunos, dos quais 65% estão no setor educação¹³.

“À medida que as Secretarias de Educação dos estados brasileiros vão procurando a terceirização de gestão como solução para seus problemas econômicos, cresce também a necessidade de promover um aumento do número de professores disponíveis no mercado que, para sobreviver, aceitem a condição de serem

¹¹ Ver: Kroton lança a Aliança Brasileira pela Educação. In: <http://www.naoperdenao.com.br/2016/09/kroton-lanca-alianca-brasileira-pela.html>; e “Educação dá início a novo programa de capacitação de líderes escolares”, In: <http://www.educacao.sp.gov.br/noticias/educacao-da-inicio-a-novo-programa-de-capacitacao-de-lideres-escolares>

¹² Fundação Lemann está ligada a Jorge Paulo Lemann, dono da ANBEV, o homem mais rico do Brasil e 19º entre os mais ricos do mundo. Sua fortuna ultrapassou os 100 bilhões de reais. Uma de suas mais recentes apostas é a Escola Eleva, que tem foco no ensino médio e atua em período integral. Cf. Helena Borges, Conheça os bilionários convidados para “reformular” a educação brasileira de acordo com sua ideologia. In: The Intercept Brasil, 04 de novembro de 2016. <https://theintercept.com/2016/11/04/conheca-os-bilionarios-convidados-par-a-reformular-a-educacao-brasileira-de-acordo-com-sua-ideologia/>

¹³ Site do Ensina Brasil: <http://ensinabrasil.org/>

empregados de escolas públicas com gestão terceirizada a baixo custo”, comenta Freitas em seu Blog¹⁴.

O Estado do Mato Grosso, em março de 2016, já aderiu, como parceiro, tanto à terceirização de gestão das escolas (tipo Escolas *Charters*), quanto à formação de docentes via Ensina Brasil. Nesse acordo foram terceirizados 76 escolas e 15 Cefapros - Centros de Formação Profissionais¹⁵. E, como consequência, instalada uma corporação internacional ligada à indústria de formação de professores.

Um dos argumentos que visa desqualificar a atual formação dos docentes via ensino superior nas IES é caracterizá-la como muito teórica e pouco prática. Por outro lado, o pioneirismo do Estado do Mato Grosso na realização dessa nova modalidade de formação de professores e a aproximação dos Estados de Goiás e de São Paulo de tendências privatistas, nos mostram que a proposta do Ensino Médio, recém referendada pelo governo federal, tem bases mais sólidas e articuladas, nacional e internacionalmente¹⁶.

O terceiro e último empreendimento da sociedade civil que examino, se efetivou no início de 2017, com a posse de João Doria Junior, como prefeito da cidade de São Paulo. Oriente-me pelos dados, informações e análises de Freitas (2016b) sobre as propostas educacionais do Programa de Ação do novo prefeito.

Doria Junior fez questão de dizer, em diversos momentos de sua campanha, que é gestor e empresário e não um político. De fato, com um patrimônio declarado de 180 milhões, é fundador e presidente do Grupo Doria, grupo de Comunicação e Marketing, composto por seis empresas, entre as quais a LIDE – Grupo de Líderes Empresariais, que reúne mais de 1.700 empresas filiadas. Em entrevista em dezembro de 2015, como pré-candidato à Prefeitura de São Paulo, assim se expressava:

“Eu defendo o Estado mínimo, e vou fazer isso. A Prefeitura vai vender tudo aquilo que não for essencial para a gestão pública e a assistência à população que mais precisa. Vamos começar vendendo o estádio do Pacaembu, o autódromo de Interlagos e o parque de convenções do Anhembi. Numa mostra clara e definitiva de que o Estado não pode e não deve estar onde ele não é necessário. Quem deve administrar estes locais é o setor privado. ... E vamos aplicar os recursos onde são necessários. Principalmente saúde, educação e creches¹⁷.

O Grupo Doria, como é conhecido, é o articulador do LIDE – Grupo de Líderes Empresariais. Este organiza empresários para lutar em mais de 20 áreas e uma delas é a educação, comandada por Osmar Zogbi, empresário de Celulose e Papel. Entre outras considerações presentes na página do LIDE Educação, lê-se que “A educação é a principal via capaz de desenvolver potenciais, transformando-os em competências

¹⁴ Luiz Carlos de Freitas. MT: adeus ao educador? – I. In: Avaliação Educacional: Blog do Freitas: <https://avaliacaoeducacional.com/2016/05/19/mt-adeus-ao-educador-i/>. Acesso: 06/10/2016.

¹⁵ “Parceria resultará em projeto inovador para a educação - Mato Grosso”. Acesso: 06/10/2016. <https://www.google.com.br/webhp?sourceid=chrome-instant&ion=1&espv=2&ie=UTF-8#q=Ensina+Brasil+no+Mato+Grosso>

¹⁶ No texto “Formação e qualificação profissional: desafios urgentes para a Filosofia da Educação”, apresentado no II SOFIE, em 2016, analisei duas organizações empresariais atuantes na escola fundamental e média, o Instituto Inspirare e a Aliança Brasileira pela Educação.

¹⁷ Cfr. http://brasil.elpais.com/brasil/2015/12/24/politica/1450960696_078427.html Acesso: 06/10/2016.

e habilidades para que o indivíduo possa viver, conviver, conhecer e produzir com sucesso na complexa sociedade do século 21” (*apud* FREITAS, 2016b).

O LIDE Educação, não tendo experiência na área da educação firmou uma “aliança” com o Instituto Airton Senna, e com essa parceria “decidiu atacar os problemas da educação direto na fonte – ou seja, na rede de ensino fundamental” (*apud* FREITAS, 2016b).

E o programa de Doria para sua gestão na maior cidade do Brasil deixa claras suas prioridades, entre elas:

- “Promover foco no currículo e nas aprendizagens esperadas. Todas as diretrizes, programas e ações administrativas devem ser priorizadas, planejadas e acompanhadas a partir desse foco” (*apud* FREITAS, 2016b);
- “Estabelecer processos e parâmetros para acompanhamento e avaliação das aprendizagens, de forma que os gestores, equipes escolares e a sociedade possam realizar escolhas que favoreçam e ampliem o conhecimento, atribuindo a cada unidade escolar autonomia para definir a ação corretiva” (*apud* FREITAS, 2016b).

Como podemos prever, pelo encaminhamento político das questões educacionais no estado de São Paulo, em 2017, voltará a existir uma sintonia fina e explícita entre as políticas educacionais do governo estadual paulista e do governo municipal paulistano: o primeiro sob a batuta da Aliança Brasileira Pela Educação, da Kroton; e o segundo, com a contribuição do LIDE Educação, em parceria com o Instituto Airton Sena. E ambos os governos priorizando o ensino fundamental e médio.

* * * * *

Retomo aqui e agora a premissa que expus, no decorrer do texto, como orientação desta abordagem: o desenvolvimento exacerbado das tecnologias neste início do século XXI tem proporcionado um aumento exagerado da violência nas relações dos homens entre si e propiciado a indiferença de um indivíduo em relação ao sofrimento do outro; de um povo em relação ao destino do outro; e, ao mesmo tempo, tem debilitado a memória dos momentos de dor e de opressão, a memória dos mortos.

Talvez seja um exagero vincular o aumento excessivo da violência nas relações sociais de produção do mundo de hoje ao aperfeiçoamento acelerado e vertiginoso das TICS - tecnologias de informação e de comunicação, das tecnologias de espionagem e de controle social, das tecnologias bélicas e de tantas outras tecnologias de destruição. A verdade é que elas, as poderosas tecnologias, são hoje a expressão mais gritante e característica do poderio do sistema capitalista globalizado, em que os países e as classes dominantes se servem e apostam no aperfeiçoamento constante delas, para continuarem seu processo de império sobre os países menos desenvolvidos.

. Nunca tivemos tanto acesso aos meios de informação e de comunicação; nunca fomos tão vigiados e acompanhados diuturnamente como em tempos de TICS;

. Nunca tivemos tantas informações, provindas das regiões mais distantes do planeta; nunca os habitantes da terra, como que completamente iluminados por essas informações, geradas pelos diversificados aparatos técnicos, permaneceram tão indiferentes, silenciosos, distantes dos sofrimentos que eram anunciados;

. São tantas as violências, as manifestações de poder, de destruição que chegam até nossos lares e/ou nossos celulares, que a extorsão, a dor, o sofrimento do outro, dos outros, se tornaram para nós, espectadores, banalidades, coisas do dia a dia.

Mas a dor, o sofrimento dos dizimados pelas guerras, dos refugiados, mostrados diariamente a nós, de forma fragmentada e rápida pelos meios de comunicação, não nos fazem avaliar o tamanho e a intensidade dessa dor e desse sofrimento.

Certamente são os ares de um suposto progresso e desenvolvimento tecnológico que impulsionam o sistema capitalista internacional, globalizado, a impor exigências e condições de parcerias a nosso país, para que este se alinhe de forma coerente e contributiva aos interesses e às benesses da civilização ocidental mais desenvolvida. O retrocesso que estamos vivendo, aqui e agora, se manifesta com características semelhantes em outros países da América Latina, como na Argentina, no Uruguai, no Chile, no Paraguai. Mas não são apenas os apelos sedutores vindos de fora que alimentam e incentivam o avanço do conservadorismo político e cultural; nossos políticos e dirigentes, assim como os principais meios de comunicação social abrem os braços e caminham na direção deles; os empresários nacionais e multinacionais bem como os líderes dos setores financeiros clamam por eles; os representantes das igrejas fundamentalistas, em expansão, os abençoam e os defendem com entusiasmo. Enquanto isso, uma série de direitos conquistados pelos movimentos sociais e políticos está sendo minada em sua base e/ou ignorada pelo poder dirigente conservador.

Ao retomarmos o aforismo “O sofrimento é físico”, em que Adorno nos lembra que “o especificamente materialista converge com aquilo que é crítico, com a práxis social transformadora” (ADORNO, 2009, p.173), será que como estudiosos e pesquisadores da Teoria Crítica da Sociedade, não deveríamos olhar com mais intensidade e indignação a dor, o sofrimento dos mais explorados e nos aliarmos a eles na luta pela sua supressão?

Vivemos tempos difíceis, tempos de maldade:

. As guerras continuam suas toadas e os refugiados continuam fugindo, se deslocando, procurando desesperadamente outros lugares para sobreviverem;

. As IES privadas já se assenhoraram de cerca de 80% das matrículas dos alunos do ensino superior; a quase totalidade das IES privadas são instituições com fins lucrativos;

. A maioria dos docentes que ingressaram nos últimos anos na educação fundamental e no ensino médio e a maioria dos profissionais que ingressaram no mercado de trabalho foram clientes das IES privadas com fins lucrativos;

. Aqueles que se dirigem às escolas de ensino fundamental e ensino médio, como docentes, estão sendo assediados sorrrateiramente por organizações vinculadas aos grandes empresários e aos sistemas financeiros, com seus programas e encontros sistemáticos e ideológicos. E os diretores(as) de escolas se tornam os alvos preferidos, por seu papel estratégico na efetivação das políticas imaginadas.

Julgo ser fundamental que os intelectuais, diante das tensas contradições históricas em que vivemos, busquem analisar e esclarecer questões relacionadas à dor dos que mais sofrem e também questões relacionadas à formação educacional, sobretudo dos que frequentam as escolas de educação fundamental e média públicas e dos que frequentam as IES particulares com fins lucrativos.

Afinal, como intelectuais, usufruímos do privilégio do estudo superior e da pesquisa, e temos uma responsabilidade como homens públicos na sociedade de hoje: Assim nos diz Theodor Adorno:

Cabe àqueles que, em sua formação espiritual, tiveram a felicidade imerecida de não se adaptar completamente às normas vigentes... expor com um esforço moral, por assim dizer por procuração, aquilo que a maioria daqueles em favor dos quais eles o dizem não consegue ver ou se proíbe de ver por respeito à realidade” (2009, p. 43).

Penso que nos dias de hoje ao analisarmos as ideias de *Bildung* (formação), de autonomia, de emancipação – categorias tão caras à Teoria Crítica da Sociedade – devemos nos dirigir a esses objetos particulares de pesquisa, desapercibidos ou deixados de lado, para observar com atenção e reflexão, como essas categorias se manifestam neles, como realidades fundantes. Ir mais a fundo no esclarecimento e na crítica aos problemas sociais; ter mais atenção às desgraças que atingem os mais necessitados; levar mais a sério a vinculação da Teoria Crítica às lutas contra a violência aos marginalizados, aos reprimidos, ao não-outro esquecido pelo conceito e pela sociedade. Tomar a Teoria Crítica como forma de conhecimento, de reflexão, de crítica, de resistência, de denúncia e de solidariedade para com o outro. Penso ser esta a proposta do intelectual dos dias de hoje, com base na Teoria Crítica da Sociedade.

Referências

- ADORNO, Theodor W. Educação após Auschwitz. In: COHN, Gabriel. **Theodor W. Adorno**. Trad. de Aldo Onesti. Coleção Sociologia. São Paulo: Editora Ática, 1986, p. 33-45.
- ADORNO, Theodor W. **Dialética negativa**. Trad. de Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2009.
- CERASOLI, Josianne F. **Por que e para que aprender história?** O debate sobre história na agenda das políticas públicas em educação. UNICAMP: Campinas, 2016, (inédito).
- FREITAS, Luiz Carlos de. A organização do trabalho pedagógico no contexto atual do ensino público brasileiro. Entrevistado por Marcos Francisco Martins; Adriana Varani; Tiago César Domingues. **Crítica Educativa** (Sorocaba/SP), vol. 2, n. 1, p. 202-226, jan./jun. 2016, p. 202-226. (2016a)
- FREITAS, Luiz Carlos de. Doria e a privatização da educação paulistana. 2016b. In: **Avaliação Educacional: Blog do Freitas**: <https://avaliacaoeducacional.com/2016/10/03/doria-e-a-privatizacao-da-educacao-paulistana/> Acesso: 06/10/2016.
- PUCCI, Bruno. Theodor Adorno e a frieza burguesa em tempos de tecnologias digitais. In: PUCCI, Bruno; FRANCO, Renato; GOMES, Luiz Roberto. (Org.). **Teoria Crítica na era digital: desafios**. 1ed. São Paulo: Nankin Editorial, 2014, v. 1, p. 47-60.
- SQUISSARDI, Valdemar. Estudo diagnóstico da política de expansão da (e Acesso à) Educação Superior no Brasil – 2002-2012. Brasília: Edital N. 051/2014 SESU; Projeto de Organismo Internacional – OEI; **Projeto OEI/BRA/10/002**, 2014.
- SQUISSARDI, Valdemar. Educação superior no Brasil. Democratização ou massificação mercantil? **Educação e Sociedade**. v. 36, n.º. 133, p. 867-889, out.-dez., 2015, p. 867-889.